

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JOSÉ MÁRIO BRANCO — A MORTE NUNCA EXISTIU

12 de Abril de 2022

MUDAR DE VIDA

JOSÉ MÁRIO BRANCO, VIDA E OBRA / 2014

um filme de PEDRO FIDALGO, NELSON GUERREIRO

Realização, pesquisa documental: Pedro Fildado, Nelson Guerreiro *Imagem:* Katell Paillard, Miguel Aguiar, Miguel Alexandre, Nelson Guerreiro, Pedro Fidalgo, Ricardo Capucha, Rui Ribeiro, Salvador Palma, Tiago Sousa *Som:* Alberto Garrido, Eliseu Maia, Fred Zed, Henrique Cão, Manuel Monteiro, Pedro Falcão, Renaud Drovin, Rui Ribeiro *Montagem:* Patrícia Leal, Nelson Garrido, Pedro Fidalgo *Mistura de som:* João Gazua *Com:* José Mário Branco, Joaquim e Ana, Francisco Fanhais, Luís Cília, Jean-Marie Binoche, Sérgio Godinho, Jean Sommer, Claude Puyalte, Adelino Gomes, Domingos Morais, Nuno Pacheco, Camané, Trindade dos Santos, Chullage, LBC Soldjah, Hezbó, Ruas, Paulo Salgado e Alexandre Morais, Ana Rita Inácio, Canto Nono, Carlos Bica, Carlos Guerreiro, Enzo D'Aversa, Fausto Bordalo Dias, Fernando Pinheiro, Filipe Raposo, Gaiteiros de Lisboa, Guilhermino Monteiro, Guto Lucena, Inês Salselas, João Ferreira, João Maló, José Manuel Neto, José Peixoto, Luís Cunha, Manuel Freire, Manuela de Brito, Mário Santos, Miguel Fevereiro, Paulo Marinho, Pedro Casaes, Rui Vaz, Sara Corte-Real, Sérgio Nascimento, Tomás Pimentel, Vítor Milhanas, Zé David *Direcção artística do excerto "Leva-leva":* Miguel Sopas *Actores:* Bruna Félix, Elsa Valentim, João Vicente, José Redondo, Paulo Pinto.

Produção: Pedro Fildado, Nelson Guerreiro *com financiamento assegurado através da* plataforma Massivemov *com a colaboração de* Espaces a *a participação da* RTP (Portugal, 2014) *Produtora delegada da* RTP: Olívia Vasques *Cópia:* DCP, preto-e-branco e cor, 115 minutos *Estreia:* 16 de Abril de 2014, no Centro Cultural da Malaposta; 25 de Abril de 2014, no Festival Indielisboa *Estreia comercial em Portugal:* 5 de Maio de 2016, no City Alvalade (Lisboa) *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Hesitei

Se havia de escrever esta canção
Porque a vida não se pode resumir numa canção

Mudar de vida...

Mudar de vida é uma questão
qu'inda não está resolvida

...

canção *Mudar de Vida* de José Mário Branco, 2007
tocada num espectáculo com o mesmo nome a 30 de Abril de 2007, na Casa da Música do Porto
e apresentada a 30 de Outubro de 2008, na Culturgest em Lisboa

Há ligações curiosas. *Mudar de Vida* é título de Cinema Novo, o da segunda longa-metragem de Paulo Rocha, que nos anos 1960 fez rimar os seus *Verdes Anos* e *Mudar de Vida* com a música de Carlos Paredes: filmada no Furadouro e dando subtil eco da guerra colonial, *Mudar de Vida* sinalizava vontade de mudança, de vida e de cinema, como na Cinemateca se foi escrevendo. Rocha trabalharia mais tarde com José Mário Branco, que por causa dessa mesma guerra colonial escolheu o exílio, n' *O Rio do Ouro* e n' *A Raiz do Coração*. A presença (no *Rio do Ouro*, inesquecível) e as canções de José Mário Branco (em ambos de sintonia perfeita) são essenciais nesses filmes da viragem dos anos 1990 para os 2000. Paulo Rocha não foi o único, nem o primeiro: como compositor, cantautor, actor, José Mário Branco participa da filmografia portuguesa desde os anos 1970 pós-Abril e marcou a singularidade de filmes de Jorge Silva Melo (*Ninguém Duas Vezes*, *Agosto*, *Coitado do Jorge*) ou Manuela Viegas (*O Movimento das Coisas*) ou Rita Azevedo Gomes (*O Som da Terra a Tremer*, *A Portuguesa*). Em 2014, o mesmo ano em que Bruno de Almeida o deu a ver em trabalho de estúdio

com Camané no documental *Fado Camané*, Pedro Fidalgo e Nelson Guerreiro estrearam *Mudar de Vida – José Mário Branco, Vida e Obra*, indo buscar o título à canção composta por José Mário Branco em 2007. Resultado de assinalável persistência, um trabalho importante nos arquivos, a cumplicidade de José Mário Branco e dum núcleo de próximos, este *Mudar de Vida* é um seu retrato. Um retrato da sua voz e da sua música, que convoca necessariamente a história recente de Portugal, uma consciência política e a dimensão artística ímpares.

Pedro Fidalgo e Nelson Guerreiro foram determinados. A génese do projecto data de Abril de 2005, como consta da página electrónica em que se lê que a rodagem começou no concerto do disco *Resistir É Vencer* e que foi tomando forma ao longo de sete anos, sem apoios, concretizando-se em filmagens de centenas de horas, entre Portugal e França, de “ensaios, gravações de discos, conversas, concertos”. Eram estudantes, foram contando com o apoio e o material de amigos. Em 2012, a organização de um *crowdfunding* permitiu o financiamento para a finalização do filme, que a dupla costuma apresentar como um documentário em duas partes que seguem 1) a biografia indissociável do que foi sendo a situação política portuguesa, e 2) a expressão artística dos seus ideais revolucionários. Sobretudo na música e no teatro, que foram sendo mais vitais que o cinema no caminho de José Mário Branco. No filme, que abre com as suas palavras em canção e em que o “grito” em palco “Mudar de Vida!” chama um fundido a negro, é também sua a primeira fala, deixando esclarecido a primeira pessoa: “Sou português, pequeno-burguês de origem, filho de professores primários. Artista de variedades, compositor popular, aprendiz de feiticeiro. Faltam-me dentes. Sou o Zé Mário Branco.” O *off* convive na imagem com a sua entrada num palco em que o espera um assento para um início de entrevista. Antes do título, um segundo fundido a negro.

Somos então convidados a embrenhar-nos em imagens de arquivo (nas quais cabem as fotos do jovem cadastrado pela PIDE salazarista antes do exílio, da canção, do regresso, da resistência intransigente ao longo de décadas), seguindo a meada dos passos biográficos comentados pelo próprio, homem do Porto que em Paris começa a descobrir na canção a arma de resistência que faz soar vida fora, de início mais acentuadamente reconhecível como *de intervenção*, mas contendo multitudes. E em todo o caso ocupando o claríssimo lugar na música portuguesa de que fala Nuno Pacheco, reconhecida a figura tutelar de Zeca Afonso que Zé Mário chama mestre, com o rigor da música, a mestria da relação da palavra com a música referidos por Camané. É a Manuela de Freitas que se ouvem as palavras que parecem mais justas quando, detendo-se na relação artística entre José Mário Branco e Camané – uma associação deste século XXI, “dois criadores a brincar um com o outro” – e falando de Camané como “um grande intérprete”, diz de José Mário Branco que se trata de “um cantautor e um construtor de canções”. Coisa de que o ouvimos falar remontando à sua participação na gravação de *Grândola, Vila Morena* e aos passos na gravilha, e à ideia de *encenação sonora* que por essa altura o fez questionar os meandros da fixação das canções procurando, em registo, a transmissão da emoção da relação com o público num espectáculo ao vivo.

A sensibilidade de cantautor-construtor de canções, a resistência como modo de ser perpassam por aqui. Neste documentário retrospectivo, composto sobre não poucos factos e não poucas pistas, a emoção está garantida sempre que se escutam as palavras do retratado, como se fosse (também) um amigo que nos acompanha.

Maria João Madeira